

Trabalhadores

Redução da jornada de trabalho

Finalmente os patrões aceitam discutir a redução para 40 horas semanais. **PÁGINA 4**



Arquivo

CLIMA

QUEM COLOCA A TERRA EM RISCO?

A reunião dos chefes de Estado, em Copenhague (Dinamarca) para debater o aquecimento global opõe, mais uma vez, ricos e pobres. Os ricos, maiores poluidores, querem dividir a responsabilidade com todo mundo; os pobres não aceitam, e querem garantir seu desenvolvimento. O impasse continua... **Página 3**



Os obstáculos de Serra

O tucano José Serra, governador de São Paulo, acumula obstáculos no caminho para o Planalto, em 2010. Dentro de seu partido, o PSDB, o mineiro Aécio Neves não aceita ser vice. Ele quer encabeçar a chapa. É um dilema para Serra: para assumir a candidatura presidencial ele quer ter certeza de suas chances, e não decide já. Mas Aécio quer resolver em dezembro, ou lança-se para o Senado, e deixa Serra a ver navios. Enquanto isso, Dilma cresce nas pesquisas e Serra cai: a diferença entre eles já é de 10 pontos.

Blecaute ou apagão?

A imprensa conservadora e a oposição demo-tucana ficaram assanhadinhos esperando que a falta de luz de 10 de novembro tivesse, contra Lula, o mesmo efeito que teve contra Fernando Henrique Cardoso em 2001. Grande engano. Em 2001, a falta de investimentos diminuiu a produção e faltou eletricidade. Em novembro de 2009, três linhas de transformação (novas, aliás) desligaram por um acidente climático. Em 2001, a crise durou 11 meses, até fevereiro de 2002. O de agora durou seis horas, no máximo. Dá para comparar?

Aposentadoria: unidade

As seis maiores centrais sindicais (CTB, CUT, Força Sindical, UGT, Nova Central e CGTB) e a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap) adotaram uma posição unificada sobre a política de valorização do salário mínimo (para vigorar até 2023), recuperação das aposentadorias e o fim do fator previdenciário. A decisão foi tomada na sede da CTB, dia 23 de novembro. Os presidentes das centrais ressaltaram a importância da unidade para fortalecer a luta dos trabalhadores, com Wagner Gomes, presidente da CTB.



Foto CTB

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Ombro a ombro com o Brasil

O 12º Congresso do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), encerrado em 8 de novembro, em São Paulo, foi o maior nos 87 anos de existência da organização. E trouxe uma mudança programática e uma forte renovação em sua direção nacional no esforço de atualizar a política comunista com os desafios contemporâneos no país e no mundo.

Os 954 delegados elegeram os 105 membros do Comitê Central seguindo critérios que envolveram a ampliação da participação de trabalhadores e sindicalistas; a incorporação de trabalhadores do campo e o aumento da presença dos jovens e das mulheres. Também ampliou a presença de quadros atuantes na luta de ideias, como cientistas, artistas, professores, além de reforçar a presença de presidentes estaduais do Partido.

A grande novidade foi a aprovação de um novo Programa Socialista para o Brasil, que contempla um novo

projeto nacional de desenvolvimento. O horizonte do novo programa é o início da transição para o socialismo. Este é o rumo. O caminho para ele é a construção do desenvolvimento, a partir de um diagnóstico das necessidades atuais e da proposta de formas para enfrentá-las, ajustando a luta dos trabalhadores pelo crescimento econômico à busca de um futuro que supere o sistema capitalista e suas mazelas. Nesse sentido, explica o deputado federal Flávio Dino (PCdoB-MA), ele está assentado em alguns conceitos fundamentais, entre eles a defesa da soberania nacional, a noção de crescimento econômico e de investimentos em infraestrutura. E ainda a nossa preocupação com o pré-sal, para que essa imensa riqueza que se anuncia não se perca.

Historicamente o PCdoB esteve ligado às lutas democráticas e avançadas do povo brasileiro. O 12º Congresso reafirma essa tradição.

CHARGE



EM NOVEMBRO...

...foi divulgada pesquisa segundo a qual somente 10% acham que o governo de FHC foi melhor do que o de Lula. Ao contrário, quase 80% consideram que o governo atual é o melhor.

EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! Classe Operária, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **Secretário Nacional de Comunicação:** Altamiro Borges **Editor:** José Carlos Ruy **Jornalista Responsável:** Pedro de Oliveira **Diretor (in Memoriam):** João Amazonas **Redatoras:** Priscila Lobregatte e Renata Mielli **Diagramação:** Andocides Bezerra **Charge e quadrinhos:** Edson Dias (Eton) **Contato:** Rua Rego Freitas, 192 - República - São Paulo - SP - CEP: 01220-907 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe



FERNANDO Henrique Cardoso, no rumo da derrota em 2010

Para onde vai FHC?

Para ele, aliança de Lula com sindicatos e com os movimentos sociais é um problema

Em um artigo publicado no começo de dezembro, Fernando Henrique Cardoso reclamou da legislação em defesa do pré-sal para os brasileiros. Também atacou a preferência de Lula – pública e transparente – pela compra de aviões franceses para a FAB. Logo ele, FHC, que foi acusado de interferir pessoalmente, e às ocultas, na privatização da Telebrás em favor de um grupo estrangeiro, em 1998. E, ainda por cima, escandalizou-se pela insistência de Lula para a Cia Vale do Rio Doce (privatizada por FHC) construir uma siderúrgica no Brasil.

Ele repete os argumentos da direita que derrubou Goulart em 1964 e começou a ditadura militar

FHC alinhava as mesmas ideias elitistas que, em 1945, levaram à deposição do presidente Getúlio Vargas, quando ele iniciava o rompimento com as forças do atraso, aliadas do imperialismo e contrárias à industrialização do país. Essas ideias também levaram ao suicídio de Vargas e, depois, em 1964, à deposição do presidente João Goulart, abrindo a ditadura militar. Repetindo a direita de 1964, acusou o governo do presidente Lula de ser

uma espécie de “república sindicalista”, um “sub-peronismo” aliado a sindicatos e movimentos sociais, tendo uma “burocracia sindical alinhada no Estado”.

“Para onde vamos?”, perguntou FHC. Eles caminham, com certeza, para a derrota na eleição de 2010. Será um embate que o povo entende e no qual tem um lado muito definido, como já manifestou amplamente para desespero da oposição neoliberal. ●

MÍDIA

A luta pela democratização da comunicação

O Brasil está realizando um amplo debate sobre as comunicações, envolvendo setores dos movimentos sociais (sindicalistas, mulheres, estudantes, movimento comunitário, da saúde, LGBT, movimento negro etc.), em busca de uma comunicação mais democrática.

A 1ª Conferência Nacional de Comunicação começou pelos municípios e estados, sendo realizadas 22 etapas estaduais que elegeram 1.684 delegados para a etapa nacional. Ela acontecerá em Brasília entre os 14 e 17 de dezembro, e discutirá mais de 1.500 propostas para a comunicação, que resultarão num do-

cumento a ser encaminhado ao governo como base para a elaboração de políticas públicas para o setor.

Apesar dos empresários da mídia terem tentado impedir a realização da Conferência, os movimentos sociais abraçaram a causa e garantiram que as etapas estaduais acontecessem. Até mesmo em São Paulo e no Rio Grande do Sul, cujos governos não fizeram a convocação, se escondendo do processo por terem o rabo para lá de preso com os donos da mídia. Nem precisa dizer que foram os tucanos José Serra e Yeda Crusius.

A Conferência de Comunicação acontece sob forte

disputa entre os setores que querem manter a comunicação como privilégio para poucos, e os que querem mais democracia e mais espaço à produção cultural do povo, à pluralidade e à diversidade.

Um dos frutos desse processo foi a ampliação do debate. Agora, é preciso eleger prioridades para garantir que conquistas sejam alcançadas.

E, depois da etapa nacional, a mobilização em torno do tema deve ser mantida para apresentar aos presidentes as propostas de democratização da mídia e pela garantia de que, em 2011, aconteça a 2ª Confecom. ●

Negros: desigualdade cai, devagar

Segundo o Dieese, entre 2004 e 2008 o percentual de negros ocupados na Grande São Paulo passou de 77% para 84%, e o desemprego caiu de 22,5% para 16%. A renda média também cresceu (6,1%), mas os salários continuam baixos – era 53% do salário de um trabalhador branco em 2004, subindo para 56% em 2008.



Negros: salário pela metade

Em Belo Horizonte a diferença salarial continua grande. Enquanto um negro ganha R\$ 5,03 por hora, um branco ganha R\$ 8,80. Em Salvador, a diferença é ainda maior: R\$ 4,75 para o negro e R\$ 9,63 para o branco.

Nos EUA, risco de despejo...

Uma em cada sete famílias norte-americanas atrasou o pagamento do empréstimo ou teve a hipoteca executada pelo banco no terceiro trimestre de 2009. Os dados são da Associação de Bancos Hipotecários (MBA, em inglês) dos Estados Unidos. É o patamar mais alto desde 1972; 7,5 milhões de famílias correm o risco de perder suas casas.

... e de fome

Um em cada seis lares norte-americanos passou fome em algum momento em 2008, diz o Departamento de Agricultura dos EUA. É o maior número desde 1995, e envolve cerca de 49 milhões de pessoas. É o preço que os pobres pagam pela crise. Em 2007, o número era menor: 36,2 milhões de pessoas. Dos famintos de 2008, 16,7 milhões eram crianças.

Muro sangrento

O fim do socialismo no Leste Europeu depois da queda do Muro de Berlim, cujos 20 anos os conservadores comemoram em novembro, causou a morte prematura de um milhão de pessoas. A informação, da Unicef, foi publicada pelo italiano *Corriere della Sera* e pela revista acadêmica inglesa *The Lancet*.



“(Vamos) assumir compromissos com a redução das emissões para que a gente possa viver em um planeta que é de todos nós e que tem de ser protegido da mudança do clima”.

Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil

Conferência de Copenhague

De quem é o problema ambiental?

No debate para diminuir a poluição, países ricos querem que só os pobres paguem para limpar a sujeira que eles fizeram

A cada dia, a questão da poluição e do aquecimento global ganha mais destaque na sociedade. Quando tratado por chefes de Estado, como em Copenhague, o problema acaba parecendo distante da realidade das pessoas comuns. Mas, é o povo que sente na pele seus efeitos. “As consequências do aquecimento global são sentidas principalmente pelas populações dos lugares mais pobres do mundo. Devido à redução da quantidade de água e da produção de alimentos, a miséria está se agravando”, diz Aldo Arantes, secretário de Meio Ambiente do PCdoB.

O que alimenta a emissão de gases tóxicos no ar, de lixo químico nas águas e no solo e o desmatamento desenfreado de florestas é o modelo capitalista de produção e de consumo imposto ao mundo



POPULAÇÕES carentes são as que mais sofrem com a poluição

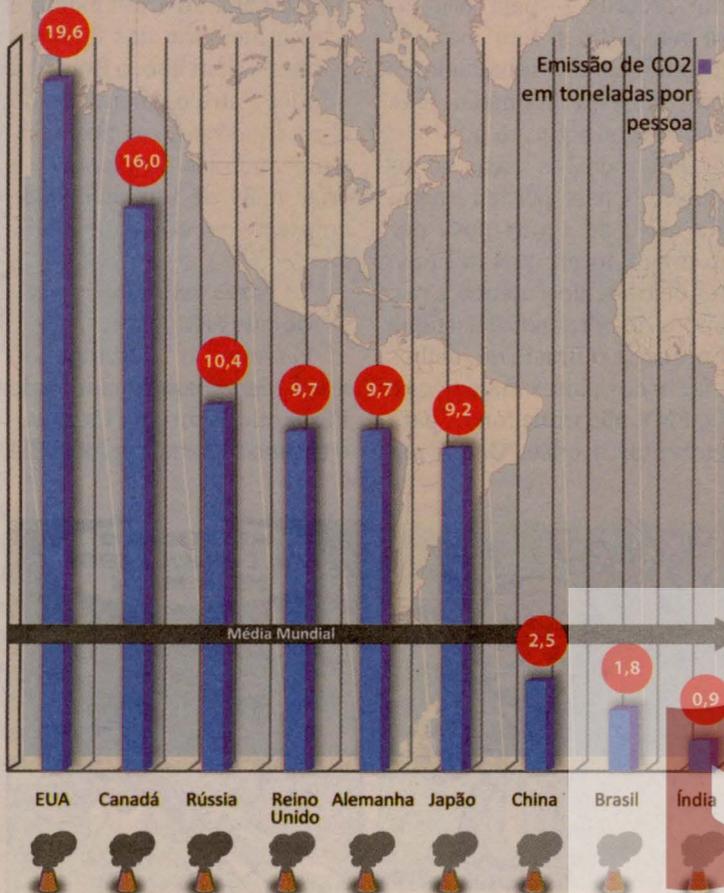
pelos países ricos.

O capitalismo é movido pela busca do lucro máximo. Para vender cada vez mais, as empresas incentivam o consumo. Estimulada, a sociedade compra cada vez mais. Os produtos, para serem feitos, causam poluição de todo tipo. Muitos geram sujeira também durante o seu uso, como

é o caso dos carros. E, quando a vida útil desses produtos chega ao fim, eles se tornam lixo e são despejados no meio ambiente. A atitude de cada pessoa em economizar água e luz ou cuidar de alguma forma do meio ambiente é importante. Mas na realidade, isso influencia pouco na mudança do sistema. O que pode transformá-lo é a mobilização popular e a luta política por um novo modelo de sociedade.

Quem polui mais?

O CO2 (gás carbônico) é o principal responsável pelos problemas ambientais ligados à poluição. Veja abaixo que os países que mais querem que todos paguem o pato são os que mais poluem o planeta e estão acima da média mundial.



Em que nível a luta está?

Hoje, o debate se divide em duas partes. De um lado, os países ricos, como os da Europa, EUA e Japão. Eles iniciaram o seu processo de produção em massa a partir da Revolução Industrial, que começou na Inglaterra e tomou fôlego no século 19. Esses países têm mais de 200 anos de produção de sujeira e de ataques ao meio ambiente.

Do outro lado estão os países em desenvolvimento, como o Brasil, China e Índia. Aqui, a industrialização começou com mais força na década de 30, teve um ritmo mais devagar e ganhou força nos anos 60 e 70. E apenas no começo deste século 21 o país começa a ter um papel mais forte entre os industrializados. Ou seja, o Brasil tem 80 anos de industrialização e apenas 40 de produção mais ativa.

A maldade dos países ricos é tentar fazer com que to-

Brasil quer igualdade

Os EUA – que nunca toparam diminuir seu nível de emissão de poluentes – dizem que farão uma redução de apenas 17% baseados em seus índices de emissão de 2005. E o governo Lula, não aceitando a imposição dos países ricos, compromete-se, voluntariamente, em fazer sua parte investindo no desenvolvimento sustentável. Mas sem prejudicar o crescimento que tem possibilitado a diminuição das diferenças sociais e da pobreza. O país vai cortar entre 36,1% e 38,9% as emissões de gás carbônico até 2020, dos quais cerca de 20% estão ligados ao desmatamento. “Temos responsabilidade com o planeta, mas queremos que os que poluem mais sejam os principais responsáveis”, disse o presidente Lula.

dos paguem igualmente a conta pela poluição que eles fizeram e eleger vilões da poluição, como tentam fazer contra a China. “Este país já se comprometeu a fazer sua parte. Além disso, tirou da miséria mais de 300 milhões de pessoas e é responsável por pesquisas sobre energia limpa. Isso ninguém conta”, critica Arantes.

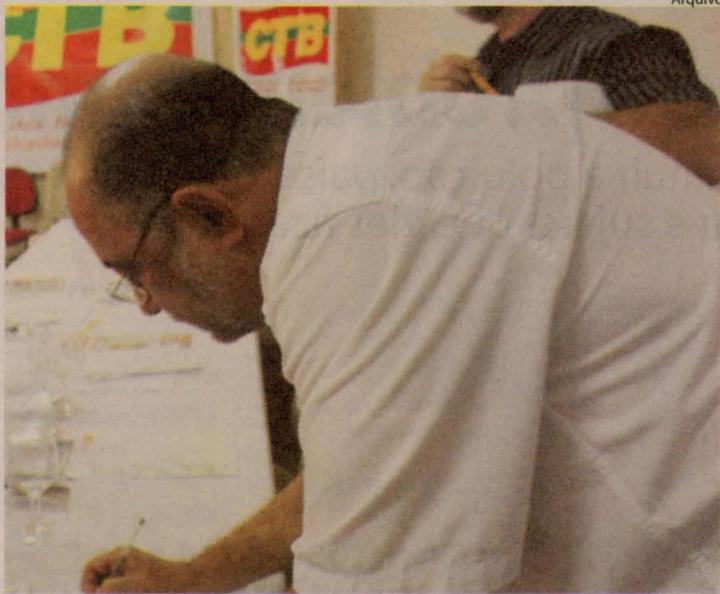
A tática dos países ricos é injusta e perversa. Afinal, puderam, através da industrialização, gerar emprego e renda e se enriquecer. E agora, quando os menos desenvolvidos se preparam para oferecer o mesmo à sua população, são pressionados a diminuir seu ritmo com a desculpa de brechar o processo de degradação ambiental. “É preciso que os ricos cumpram metas em seus próprios países e que eles diminuam seu ritmo de produção e consumo”, explica Arantes. Essa é a razão do impasse que marcou o debate sobre meio ambiente. ●

Redução da jornada

A novidade: os patrões aceitam discutir as 40 horas semanais. Mas só em 2011

Luz no fim do túnel. Ela foi acesa pela 6ª Marcha a Brasília, de 11 de novembro. O presidente Lula reuniu-se com as centrais sindicais e, em seguida, procurou o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer (PMDB-SP), buscando agilidade nas reuniões sobre a redução da jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas. Um dos resultados foi a reunião de 19 de novembro entre sindicalistas e empresários com Temer, onde pela primeira vez os empresários admitiram conversar sobre este projeto do qual, antes, nem queriam ouvir falar!

O sinal é positivo, mas não dá mais para votar a mudança este ano. O importante “é que a gente iniciou as negociações”, diz o deputado Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho (PT-SP), autor de um parecer favorável à Proposta de Emenda Cons-



WAGNER Gomes - as centrais combinaram manifestação unitária

titucional (PEC) de autoria dos senadores Paulo Paim (PT-RS) e Inácio Arruda (PCdoB-CE).

Pelos empresários, o presidente da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), deputado Armando Monteiro

Neto (PTB-PE) – que era um dos mais resistentes à redução da jornada – confirmou a dis-

Centrais sindicais farão paralisações nas fábricas em janeiro

posição para o diálogo, apesar de considerar a discussão “inoportuna no momento” em que “o Brasil está saindo de uma crise internacional”.

Para os sindicalistas, a votação em 2010 vai ajudar a pressionar os deputados. Monteiro quer adiar para 2011 para evitar a discussão em ano eleitoral. A opinião dos sindicalistas é outra. “Te-

mos de aproveitar a época da eleição”, disse o deputado Paulo Pereira da Silva (PDT-SP), o Paulinho, presidente da Força Sindical. Ele disse que as centrais sindicais farão paralisações nas fábricas em janeiro, para pressionar patrões e deputados.

Jornada de luta

Na reunião de 23 de novembro, realizada na sede da CTB, em São Paulo, os sindicalistas também decidiram convocar uma marcha unitária antes da comemoração do Dia 1º de Maio, para reforçar a luta pela redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas. Sua data será definida em janeiro e ela vai fazer parte do calendário da Jornada Nacional de Lutas. ●

RECUPERAÇÃO

Brasil cria mais de um milhão de empregos

Até outubro já são 1.163.607 novas vagas. Lula dá de 13 a 1 em FHC

O Brasil vai terminar 2009 com um grande saldo positivo na criação de empregos com carteira assinada. Em 10 meses – de janeiro a outubro – o saldo líquido foi de 1.163.607 novas vagas. E com um recorde – pela primeira vez o Brasil tem mais de 33 milhões de trabalhadores com carteira assinada. Este ano chegou a 33.156.909!

Em todas as crises anteriores, o país perdeu vagas. Na crise de 1998/1999, por exemplo, foram 778 mil postos de trabalho a menos. Era a época de Fernando Henrique Cardoso e o Brasil, de joelhos diante dos países mais ricos e do FMI, não tinha forças para enfrentar a crise. Quem pa-

gou a conta foi o povo.

A situação mudou. O FMI não dá mais palpites por aqui e o governo defende a soberania e a independência de nosso país e não aceita imposições externas, criando as condições para a volta do crescimento e para a melhoria das finanças públicas. Com isso, o Brasil foi o único entre os membros do G-20 (que reúne as 20 maiores economias do planeta), a criar mais de um milhão de empregos em 2009.

13 vezes mais empregos do que FHC

Quando o desempenho atual é comparado com o de Fernando Henrique Cardoso, o tucano fica mal na foto. Ele

destruiu mais de um milhão de empregos no seu primeiro mandato. No segundo, abriu apenas 1.815.088 vagas, com um saldo final (1.815.088 menos 1.018.021) de apenas 796.967 novos postos de trabalho nos oito anos de domínio tucano e neoliberal. A média foi de somente 8.301 novas vagas por mês. Nunca havia acontecido na história do Brasil tamanho desastre contra os trabalhadores.

Isso mudou. Nos 82 meses sob Lula, completados em outubro, foram criados 8,9 milhões de empregos, dando uma média mensal de 108 mil. Isto é, 13 vezes mais do que sob Fernando Henrique Cardoso, com crise mundial e tudo. ●

POR QUE SOU PCdoB

Em minha caminhada política, sentia que precisava de um lugar onde houvesse união e coesão de ideias. E quando conheci o PCdoB, percebi que ali havia esses dois elementos. Como indígena, nasci e cresci numa comunidade em que as pessoas dividiam seus bens e seu conhecimento. Por isso, defendo o que o partido tem colocado: que é preciso uma nação forte rumo ao socialismo porque não vejo outra forma de o mundo ser mais justo se não através deste novo sistema.



Fidelis Baniwa,

ator e líder indígena da etnia Baniwa da região do Rio Negro, Amazonas



Saiba mais sobre o PCdoB e file-se: www.pcdob.org.br

Acesse também o portal da esquerda www.informacao.org.br